

# Ecclesia



Outubro de 1951  
Ano 3.º

N.º 12

# Raul Gonçalves

(1875-1944)



POETA VERDADEIRO /// CANTOR CRISTÃO



FOI UM FILHO DA IGREJA LUSITANA  
À QUAL ADERIU EM 1893

Vede nas páginas interiores um esboço  
crítico da sua pequena mas bela obra

# Ecclesia

TRIMESTRÁRIO, ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA

DIRECTOR:  
**EDUARDO H. MOREIRA**  
 Rua das Janelas Verdes, 32 - LISBOA - Telef. 64729

ADMINISTRADOR:  
**DANIEL DE PINA CABRAL**  
 Rua 14 de Outubro, 388 --VILA NOVA DE GAIA

## PÁTRIA UNIDA

PORTUGAL é uma nação unitária. A Constituição que nos rege é clara nessa designação, e depreende-se de toda a vida oficial o propósito de encaminhar os Portugueses a uma união que progressivamente se afirme e imponha, dentro e fora do país, como exemplo respeitável desse tipo de estrutura nacional.

Nós, como cristãos, agradecemos a Deus este propósito que caracteriza as nossas tradições, leis e costumes, no que ele tem de salutar e de estimulador de progresso material e moral. Pois não é o Cristianismo uma unidade espiritual que atravessa os séculos, domina as raças, salta as fronteiras, elimina os ódios e torna a **simpatia** uma força in-

vencível? Não disse o nosso Senhor: "Um só é o vosso Mestre, o Cristo, e vós todos sois irmãos"? E também: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei"? Não anunciou Ele que um dia haveria "um só rebanho e um só pastor"?

Sobre a afirmação de Pedro (ou, como outros querem, o que tanto monta, sobre a Pessoa central dessa afirmação: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus Vivo") edificou o Mestre **uma Igreja**, contra a qual não haviam de prevalecer as "portas", ou conselhos do Inferno.

Quem tem por alvo uma Igreja Unida, vinculada no Espírito de Deus, que opera em amor fraternal, derrubando os muros de separação, só pode trabalhar pelo

### SUMÁRIO DO N.º 12

Pátria unida . . . . .	1
Reminiscências e Perspectivas . . . . .	3
A hospitalidade portuguesa e a visita do Dr. A. A. Mackay . . . . .	5
Bebedores de água . . . . .	6
Comemorações do Trimestre . . . . .	8
Na Nave: Homilia . . . . .	8
Os nossos Poetas: Raul Gonçalves . . . . .	10
O valor da lógica . . . . .	13
Na Seara . . . . .	16
O Livro e os Livros . . . . .	16

robustecimento dos laços humanos, que não sejam simples plataforma e combinações artificiosas, mas um movimento sincero e franco das almas tocadas pela Graça.

Evidentemente Portugal é uma unidade moral dentro da qual têm cabido muçulmanos e hindus; confucianos e budistas; animistas cultos e incultos, desde os pagãos africanos às escolas espíritas e teosóficas da Europa; e porfim cristãos protestantes de vária côr, a par da maioria cristã que obedece à Cúria Romana. Declarações de ilustres homens de Estado não têm iludido nem encoberto este facto. Só falta regulamentar a Constituição Portuguesa em leis que estabeleçam as normas das relações do Estado com algumas dessas minorias. Entretanto, tão boa ou pacífica é a nossa índole nacional que se podem contar pelos dedos as dificuldades nascidas da intolerância de uma ou outra autoridade local, menos engrenada no consenso geral de quem sàbiamente tem evitado atritos dessa natureza.

Unidade humana é um anseio, nunca uma realidade no mundo. Devemos contudo sempre trabalhar por ela. É certo que a Igreja Cristã tem por muitas vezes traído essa ordem do Divino Mestre. Vede o que foi a controvérsia cristológica do século IV, de que restam as várias sequelas orientais; o Grande Cisma e a luta dos quatro papas que no Concílio de Florença mutuamente se excomungavam; o movimento anabaptista que parecia ir inutilizando a Reforma do século XVI; o movimento uníata minando no Oriente a Igreja Ortodoxa; as divisões protestantes que tocam, por vezes, as raias do ridículo; a Igreja Velho-católica surgida da indignação que o dogma da infalibilidade papal provocou. Mas quão respeitáveis são algumas das tentativas para

encontrar a unidade, sem ser no consentimento do erro!

Unidade... pode existir no mal, no pecado. Os conspiradores ligados por um juramento, trabalhando por desfazer a ordem pública, são unidos. Os quadrilheiros que se guardam mútua fidelidade por se sentirem presos na cumplicidade do mesmo crime, unidos são. Vede como se entendem os que se embriagam com o mesmo alcool ou se entorpecem com o mesmo estupefaciente, os que rodeiam a mesma roleta tentadora, os que se atolam na mesma podridão, os que alardeiam o mesmo cinismo ou se disfarçam na mesma hipocrisia.

Mas há a unidade afectuosa, que perdoa diferenças de opinião, que sobrepassa tendências temperamentais, que "é sofredora e benigna, não é invejosa, não procede com leviandade, não se ensoberbece, não trata com indecência, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça porém folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta..." enfim, o Amor, a Santa Caridade, no estilo sublime de S. Paulo (1.ª aos Coríntios capítulo 13).

Unidade exterior como a dos desenhos egipcios, de grupos humanos onde todos são iguais no semblante, na atitude, no gesto, sem personalidade e sem verdade, quem a desejará? Nem se consegue; só se improvisa pela imposição férrea duma vontade descricionária que, afinal, a si mesma se engana.

Trabalhemos nós, com o Evangelho aberto e a alma ao alto, pela união de amor que perdoa diferenças, que respeita opiniões, que se esforça por compreender a atitude alheia, que cultiva a maior virtude do Universo — a essência do próprio Deus.

Procuremo-la com a fórmula admirável de Santo Agostinho: Unidade no que é essencial, liberdade no que é secundário, caridade em todas as coisas.

Sejamos confiantes no final triunfo de tal método, porque tudo, tudo acaba, mas a Caridade nunca há de acabar: é a essência do Próprio Deus.

**PALAVRAS DO SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA**, na sua mensagem à Assembleia Nacional, depois de jurar a Constituição:

"DESEJO ARDENTEMENTE QUE EM MINHA VOLTA SE REUNAM TODOS OS QUE TIVERAM A HONRA DE NASCER EM TERRAS DE PORTUGAL, SEM DISTINGUIR RAÇAS, RELIGIÕES OU IDEIAS, E QUE NO CHEFE

No ano passado, conta-nos "Church Times" de 13 de Julho, o Arcebispo de Cantuária, primaz da Inglaterra, ao regressar da África Ocidental, interrompeu a viagem em Lisboa. Ao desembarcar foi rodeado por um grupo de rapazes do Seminário Romano. "O Senhor é católico?" perguntaram eles. "Sim", respondeu o Dr. Fisher, "mas não, o que os srs. entendem por católico". "Então é protestante?". "Sim" replicou, "mas não o que os srs. entendem por protestante". Não se poderia dizer melhor em tão poucos termos. **Multum in parvus.** Essa posição tão perfeitamente enunciada pelo Revmo. Arcebispo de Cantuária é a nossa, a da Igreja Lusitana. Nos arraiais romanos uns não a compreendem, outros fazem por não a compreender e ainda outros jamais ouviram falar dela e fugiriam se se lhes quisesse explicar. Mas nós persistiremos.

DO ESTADO VEJAM SEGURA GARANTIA DO PRESTÍGIO E DA CONTINUIDADE DA PÁTRIA."

DO "LIVRO DE ORAÇÃO COMUM; ADMINISTRAÇÃO DOS SACRAMENTOS E OUTROS OFÍCIOS NA IGREJA LUSITANA" se transcreve a seguinte

Oração por todos os constituídos em autoridade

Clementíssimo Deus: humildes Te suplicamos por todos os governadores, e especialmente pelo Chefe do Estado e pelas autoridades constituídas. Dá-lhes todas as celestes graças de que precisam para o bom desempenho dos seus cargos, e dirige os seus conselhos para glória Tua e verdadeira felicidade do Teu povo, mediante Jesus Cristo nosso Senhor. Amem.

## REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Informa o semanário católico romano de Inglaterra "Universe" que um médico protestante, o Dr. Maron, e sua esposa, que é católica romana, trabalhando ambos na missão de Miruru, na nossa província de Moçambique, supõem ter descoberto a cura da lepra. Desde Junho estão em experiências na referida missão, depois de outras realizadas com êxito aparente em Lussaca, na Rodésia do Norte, pelo mesmo clínico-missionário. Roguemos a Deus que seja desta feita um facto o descobrimento que trará tantas esperanças a tantos infelizes. E agradeçamos a Deus o exemplo deste casal que esquece diferenças de opinião, talvez por estarem muito ocupados em imitar Aquele que "amou fazendo bem".

Sérgio Groussard é um jornalista que fez um inquérito directo às questões judaicas, em vários países e porfim no Estado de Israel. Conta-nos

como se chocam os ideais dispareos dos Israelianos e dos Judeus religiosos; como os Sionistas construíram um ideal do passado doloroso, que quebram como um molde de gesso onde se fundiu a escultura, enquanto os Rabinistas se agrupam em volta da Torá e do Talmude, não vendo no futuro outra coisa senão o regresso integral do mais remoto passado. O cristão, crente nas profecias, espera com atenção o desenrolar dos acontecimentos, maravilhado com o que já se cumpriu e não perplexo com o que resta a cumprir. Mas cumpre-lhe suplicar ao Altíssimo que valha ao Seu antigo povo, solicitado por tantas paixões.

Em começos de Setembro, no cruzamento da estrada de Arronches com a de Caia três portugueses jovens, achando o lugar propício, assaltaram umas pobres mulheres que passavam. Um velho português de 83 anos, ao pretender defendê-las, foi violentamente agredido. É triste, não é? Profundamente triste. Se os párocos portugueses não estivessem tão entretidos a queimar os exemplares da Bíblia que encontram nas mãos do povo, sob o falso pretexto de serem espúrios, e em queixandas empresas, aconselha-los-íamos a educar melhor as novas gerações, pois grande é o seu prestígio e por isso grande a sua responsabilidade.

Um telegrama do Rio, de 6 de Julho, vale bem fixar a data, dizia-nos que o Sr. Getúlio Vargas assinou uma lei proibindo, sob severas penas, desde multa a prisão, que escolas, hotéis, restaurantes, etc., recusem admissão de pessoas por motivo de raça ou cor. Até agora não tinha sido regulamentada a disposição constitucional da igualdade de raças no Brasil, de forma que esta lei é de real significação na grande república. Congratulemo-nos, com todas as almas bem formadas.

Recebeu-se da Holanda umas folhas contendo um "Credo" que se diz "Niceno-constantinopolitano", mas de facto tem alterações que o tornam um credo particular. Compreendemos perfeitamente que qualquer seita cristã se atribua o direito de preparar seu Credo, mas nem a probidade literária nem a fidelidade teológica admitem que

a um credo expresso, tradicional, se eliminem ou juntem frases. Avisam-se os membros da Igreja Lusitana, a quem, numa rápida leitura, poderia escapar o lamentável facto. É simpático que cristãos individualistas busquem reproduzir e propagar os velhos símbolos da Fé; mas é desejável que o façam fielmente.

Há graves diferendos, diz o "Figaro" Literário, à cerca da primeira interpretação histórica dos famosos manuscritos do Mar Morto, a que **Ecclesia** já se referiu. Ao professor sorbonista Sr. Dupont-Sommer, os sábios das ordens religiosas opõem vivas contradições. Na "Vida Intelectual" o Rev. De Vaux, que preside aos trabalhos do Instituto de Estudos Bíblicos de Jerusalém, declara: "Não se trata de minimizar o interesse destes documentos, mas de procurar objectivamente recoloca-los no seu meio histórico... Eles conservarão uma importância considerável mesmo para o estudo das origens cristãs, trazendo um melhor conhecimento do ambiente religioso onde se exerceu a pregação de Cristo e onde a Igreja cresceu. Mas é preciso defendermo-nos de miragens..." O professor acima aludido dissera que os resultados do seu estudo eram **halucinantes**, e o P. De Vaux em nota mordente manifesta o desejo de que ele se cure de halucinações. Até nestes estudos!

Numa calçada de Lisboa um cego pedinte toca com sentimento um instrumento de sopro; com o sentimento de quem precisa de ser auxiliado... No passeio fronteiro um rapazelho em idade escolar, de olhar vivo e modos ágeis, estende a quem passa a caixa-mealheiro onde recolhe as esmolas. Passo e vejo-o distraído da sua triste função de moço-de-cego, a ler "A Bola". O pobre cego, entretanto, toca, toca sempre... Alguma coisa ali está errada. O rapaz engana o cego; a sociedade permite um atropelo social, pois o lugar daquele rapaz não é ali; e a **Bola** dá àquele leitor e aos muitos outros que a leem, de forma evidentemente sugestiva, um simulacro de desporto, um succedâneo de cultura, um adormecimento das faculdades despertadas, tão respeitáveis e tão aproveitáveis.

**PARECE-ME** que Portugal é o país excepcional da hospitalidade. A não ser no tempo da Inquisição, que já lá vai há muito, quando assámos o cozinheiro do embaixador francês Nicot, por ser huguenote, e quando prendemos em Xabregas o escritor escocês Buchanan, sempre tivemos um **fraco** pelos estrangeiros que nos visitam, o que particularmente nos honra. Quando da truculência demagógica contra os padres, há quarenta anos, só os seminaristas "inglesinhos" puderam passear por Lisboa com seus hábitos talares e só as irmãs francesas puderam ostentar as suas enormes toucas.

E não amontoaremos exemplos para não alongar estas linhas, onde há mais para dizer.

A propósito da entrevista dada ao "Diário de Lisboa" pelo ilustre professor de Princeton

Snr. Dr. Mackay dois ou tres jornalistas resolveram desafinar o côro com que estamos saudando os numerosos peregrinos da Fátima e os membros de múltiplos congressos internacionais. Esses

permitted-se dirigir termos menos correctos a um ilustre catedrático que nos visitou e que lhes poderia dar caridosas lições de cordura, de tolerância e de cavalheirismo (espero que eles ao lerem-me, saibam ao menos o que isso é). Esse Homem, conhecido em todo o mundo cristão pelo seu saber e pela sua bondade, não teve

uma palavra desrespeitosa para Portugal, e até fez referências benêvolas a certas correntes católicas romanas, como aliás é próprio duma pessoa culta. Discutiu o que entende serem erros, porque vem dum país livre, onde se admitem todas as escolas, até a que nega a divindade de Cristo (a qual não é protestante, mas derivada do arianismo do século IV e de movimentos psilantrópicos anteriores) e até as que deificam a Bendita Virgem Maria, pondo-a hereticamente no lugar de co-redentora e de medianeira. Veja-se quantos milhares de pessoas e milhões de dolars de ali se envia aos santuários semi-pagãos da Europa.

Ora eu admito perfeitamente que, ouvindo dizer ao Snr. Dr. Mackay que há menos diferença doutrinal entre um baptista e um episcopaliano do que entre um franciscano e um jesuíta, se dis-

cuta o argumento com outros argumentos se os houver. Claro que há vários aspectos no confronto, e os alvejados poderiam, sem ofender, argumentar. Nós aceitamos a afirmação do Dr. Mackay, mas compreendemos a defesa dos visados. Sucede que os nossos homens não se referiram sequer a esta interessante afirmação; mas insistem numa que ele não fez — afirmo-o porque o ouvi — acerca de Menendez y Pelayo. Ele sabe muito bem que o autor da "História de los Heterodoxos Españoles" era um ultramontano integral e só por equívoco jornalístico apareceu junto a Unamuno como "forma de expressão do poder subterrâneo que levaria a Espanha ao protestantismo." Quanto a dizer que mais dois ou tres meses de **quemaderos** levariam a Espanha ao protestantismo, disse ele que o ouvira a um cotado vaticanista espanhol.

E porque não acreditar que haja em Espanha um católico romano de bons sentimentos? Estou certo que haverá muitos. E até haverá na fidalga Castela jornalistas que se deshonrariam por apodar de asneiras as asseverações de um homem respeitável.

Há a carta dum jornalista ao "Diário de Lisboa" que só conheço por uma pequena transcrição. Não posso referir-me a ela. Os outros dois que conheço são um anónimo nas "Novidades" de 5 de Setembro e outro que assina com iniciais no "Diário da Manhã" de 8. Suponho que o primeiro é padre, mas não direi, como o Junqueiro da juventude, que tem um zero na cabeça. Seria injusto. Há padres cultíssimos e este o será; e todos têm obrigação de serem cultos. Mas a tonsura dos nossos padres me lembra uma linha sem fim. De ali não há sair. Acabam por onde começam e começam por onde acabam. Qualquer declaração alheia é mote para a mesma glosa, sempre a mesma. É uma cultura "circunscrita", por assim dizer. O suposto padre das "Novidades" ignora, por exemplo, as convenções de Keswick, onde milhares de cristãos, livres da obediência ao bispo de Roma, dão exemplo admirável de fé e de cultura religiosa — em espírito e verdade. Esse mesmo senhor é injusto quando atribui alvo político ao último místico ger-

## *A Hospitalidade Portuguesa*

*e a*  
**visita do Doutor  
 JOHN ALEXANDER MACKAY**

mânico, Martinho Lutero, no início da Reforma, e entende que os papas só depois foram para o terreno político, ignorando toda a acção política dos papas durante séculos. Se Lutero foi raptado por amigos políticos, para o salvarem, foi porque se sabia o valor dum salvo-conduto de quem dizia não se dever respeitar a palavra dada a um herege. Se vários príncipes alemães o acompanharam num movimento político, não era movimento político o dos que se subordinavam à vontade de Carlos? Se os reis de Inglaterra foram meramente políticos, também o foram os mártires anglicanos?

Que sedições injustiças, as da velha política de Roma, a mesma que primeiro procurou combater a doutrina da Reforma no campo da doutrina, e só depois, quando viu a ineficácia do método, a procurou destruir no campo político. Não que ela não fosse sempre uma organização política.

Todos vimos que o Dr. Mackay ama a Espanha, e não procura portanto deprecia-la. Mas vale a pena lembrar que Espanha não é sinónimo de catolicismo; e ainda poderíamos perguntar a quem o afirmasse: que Espanha? E que catolicismo?

Ainda falando de Espanha creio ser bom dizer que o exuberante génio espanhol era tão grande no século XVI que foi com custo que os terríveis obscurantistas, os déspotas espirituais, conseguiram enjaula-lo. Foi preciso queimar doutores, freiras e frades, afastar escritores — e um dos maiores de Espanha foi João de Valdez — e encarcerar até arcebispos como Carranza e mesmo assim, numa Espanha mutilada, o génio espanhol se manifestou grande. E a propósito de Unamuno: que vantagem há em diminui-lo para fazer valer razões? O que o articulista das "Novidades" chama ligeireza é arte, que não exclui nele profundidade. Comparar Unamuno a Menendez y Pelayo é como comparar a fonte á cisterna.

Afirma por fim o homem que a Igreja Católica Romana tem Cristo vivo. Tê-lo-ão crentes dessa Igreja, não queremos duvidar disso: mas não é o Santo Cristo de Guende ( cito de memória ) coberto de pele humana, coisa repugnante, nem toda a mística e a arte que o coloca em plano secundário, sujeito às mãos do sacerdote no Santo Sacrifício, "mais do que a S. José na infância", transubstanciado em custódia, diminuído nos Seus direitos de Unico Mediador.

O outro artigo intitula-se " Só cá faltava mais

este", e já o título nos mostra o grau de urbanidade a que desce. Talvez porque este respeitável professor norte-americano não veio em peregrinação a algum templo onde haja uma imagem pequenina e uns cofres muito grandes, E. F. P. permite-se chacotear, uso muito nosso conhecido que não vale grande coisa; chama asneira ao que não entende, insiste em pontos mínimos, baralha pontos que achou menos claros na entrevista referida; repete o que está dito há séculos e aflige-se por os outros repetirem o que está dito há séculos; usa discretamente algum calão...

O certo é que o Dr. Mackay não teve uma só palavra que dê direito a julga-lo desejoso de implantar nos países latinos uma das tais 200 seitas de que falam, mas sim de os ver libertos do feudo de Roma, formados de consciências adultas, rendidas ao Cristo Vivo, e de mentes livres, não impedidas de conhecer o que o pensamento humano por toda a parte tem produzido. Ora isto nada tem que ver com as alíneas que o jornalista criou e que são, não digo asneira, que é feio, mas "gracinha". E estes assuntos não são para gracinhas, afinal.

---

## BEBEDORES DE ÁGUA

---

"ARTUR COSTIGAN", talvez o criptónimo de Jaime Ferrier, oficial instrutor inglês do nosso exército, no reinado de D. Maria I, escreveu um livro curiosíssimo sobre Portugal, composto de cartas a um verdadeiro ou imaginário irmão na Irlanda, livro que ao fim de dois séculos foi vertido em português e dado à estampa no Chiado de Lisboa.

O exemplar que tenho, comprei-o; não devonada ao editor. Mas isso não me pode nem dever impedir de transmitir ao fiel leitor, se o tenho, a impressão que me fez certo passo duma dessas cartas.

Chocou-se Costigan com duas coisas, entre muitas outras que refere. Uma era o apodo de **bebado** constituir grave injúria em Portugal, ao passo que o de **mentiroso** era uma graça que a ninguém ofendia; ao contrário do que sucedia na

Inglaterra, onde um cavalheiro desmentido recorria ao duelo, mas apodado de ébrio ficaria indiferente.

O pseudo-Costigan ou suposto Ferrier faz a propósito judiciosas e um tanto humorísticas considerações sobre a diferente ética dos povos; e anota a outra observação que com esta de perto se prende. O povo português é, no seu entender, um povo de "bebedores de água". Em refeições de família de posses, ou em jantares de honra, servem-se, diz ele, doces fortemente açucarados, aos quais se sucedem grandes copos de água, bebidos com prazer. Nas conversações a água é tema frequente de comparações e de elogios. A um lanche volante chama-se "copo de água". Todos discutem o sabor da água de tal ou tal parte, mostrando-se entendidos na diferença de paladares dum líquido que para o autor e para a maioria dos seus conterrâneos é um licor insípido e sempre igual a si próprio, seja onde for colhido e consumido.

Em meu modesto entender, não devemos deixar sem eco um tal conceito. Ele deve constituir título de glória, timbre de nobreza, estigma de raça, estribilho turístico, marca de identificação.

Somos bebedores de água? Cultivemos essa arte. Não deixemos perder a tradição. Sejamos bebedores conscientes, apreciadores delicados. Façamos com a água o que os franceses têm sabido fazer com o vinho. Estudemos a quantidade, a temperatura, a oportunidade e a qualidade; consideremos também o vaso em que a bebemos, desde o cuxarro de cortiça e o pucarinho de Estremôs, até ao copo de cristal límpido, onde a luz põe cambiantes que aumenta a nossa apetência...

Oh! Beber água e luz! Que maravilha!

Talvez tenha diminuído a nossa hidrofília nestes dois séculos e meio. Quem sabe se as fogueiras acesas em 1500 é que tinham pôsto tanta sequidão nas gargantas de nossos avós? Quem sabe se tinham sido as viagens pelo sertão, debaixo do sol ardente, dos nossos primeiros funantes, e as suas narrativas nos longos serões da aldeia? As histórias das Áfricas já não terão o mesmo calor ingénuo, e as fogueiras estão quase apagadas, nas almas das vítimas e nas dos carrascos. Diminuiu a sede e desadoçaram-se as guloseimas freiráticas; mas ainda se fala com entusiasmo da água de Albergaria, que ninguém deixa de beber em suas bilhitas de barro, se por ali passa no tracto de Lisboa-

Porto. E a água da Sabuga e Vale de Cavalos? Que fama! E distingue-se esta e aquela fonte, esta e aquela bica da mesma região. Na Fonte dos Passarinhos bebe-se sem sede, por graça. Quem vai ao Buçaco bebe em cada bica, sabe qual é a mais fria, a mais leve, a mais saborosa; e também se sabe qual é a salobra. No Bom Jesus ergueram os frades um chafariz de precioso emblema: ergue-se num pedestal uma cruz sobre uma esfera. A água, subindo internamente, sai da cruz pelos tres buracos dos cravos que prenderam nela o Salvador. Desce a água pela cruz, banha o mundo, representado na esfera, e cai por fim em cascata depois de nos dar a lição. É belo e consolador. A água da vida pelo sangue da cruz.

Em Santa Cruz do Bispo, como no Luso, as Fontes das Sete Bicas dão-nos uma sensação de abundância e frescura, que perdura em saudade. E tantas, tantas, desde o Algarve ao Minho! Em Lisboa, antes das medidas igualitárias dos chafarizes, obtidas do Estado, liberal e nivelador, pela Companhia das Águas, aplicação um tanto anti-pática, às pobres fontes, dos princípios da Velha Revolução, havia-as notáveis: águas nobres, águas rivais, com seus partidários e seus turibulários exaltados. Lembro ainda os panegíricos que, na minha adolescência, o povo fazia do chafariz do Carmo e do de El-Rei...

Para trazer a água à Lisboa dos setecentos, uma obra de imponente arquitectura ficou como monumento de esforço inútil a que a ignorância antiga de certas leis levou o homem. Hoje podemos afirmar, em ilustração clara, que a Água da Vida desceu aos lugares mais baixos da terra, para dar aos homens a possibilidade de aspirar às alturas e a elas ascender.

Também à história dos nossos imigrantes no Brasil se liga a lenda da Fonte da Carioca: que quem dela bebe já não pode passar sem ela... Emblema do apego do português àquilo que ajudou a construir.

Portugueses "bebedores de água"! Prouvera a Deus que eles todos buscassem a Água sobre-excelente do Evangelho de Cristo; e libertos da ilusão das "cisternas rotas" achassem a "água viva, que salta para a vida eterna", a que o Divino Salvador e Mestre Perfeito ofereceu um dia, junto ao Poço de Jacob, a uma pobre e frágil mulher que em seu Verbo bendito achou a força e a riqueza supremas!

## COMEMORAÇÕES LITÚRGICAS E OUTRAS COMEMORAÇÕES DO TRIMESTRE ACTUAL

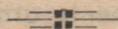
18 de Outubro : S. Lucas Ev.  
 28 de Outubro : S. Simão e S. Judas  
 1 de Novembro : Todos os Santos  
 30 de Novembro : Santo André Ap.  
 2 de Dezembro : Domingo do Advento  
 21 de Dezembro : S. Tomé Ap.  
 25 de Dezembro : Natal de N. Senhor  
 26 de Dezembro : Santo Estêvão M.  
 27 de Dezembro : S. João Ev. e Ap.  
 28 de Dezembro : Santos Inocentes

5 de Outubro : Oração pela Pátria  
 7 de Outubro : Comunhão Mundial  
 15 de Outubro : Festa das Colheitas  
 28 de Outubro : Dia das E. D. Europeias  
 31 de Outubro : Festa da Reforma  
 2 de Novembro : Dia da Saudade  
 11 de Novembro : Dia da Vitória  
 1 de Dezembro : Independência da Pátria  
 24 de Dezembro : Serão da Família  
 31 de Dezembro : Vigília do Ano

NO ÁTRIO

PASSANDO este ano o milésimo quingentésimo aniversário da celebração do Concílio de Calcedónia, espera-se que em fins de Outubro ou começos de Novembro a Igreja Lusitana acompanhe as comunidades irmãs na comemoração desse grande acontecimento: possivelmente com um serviço comemorativo que coincida com a Festa de Todos os Santos.

Terminam neste trimestre o ano civil de 1951 e o ano religioso; este a 30 de Novembro, com as reuniões missionárias da Festa de Santo André. Auguramos para elas um santo entusiasmo e navos alvos de expansão e de fraternidade cristã.

NA NAVE

## Homilia Comemorativa do 19.º Centenário da Entrada do Evangelho na Europa

"Tu, passa à Macedónia e ajuda-nos"

*Actos dos Apóst. 16:9*

"AJUDA-NOS", é a grande palavra deste texto, que deveria ser lema cristão da Europa, visto ter sido por meio dela que S. Paulo se resolveu a entrar no subcontinente que nós habitamos.

Lembremo-nos a propósito que um rei português, por meio de uma pequena palavra, o célebre "Fico", criou a grande Nação brasileira. E por meio de uma outra pequena palavra — "senão..." — os conselheiros de Afonso IV fizeram sentir ao

rei que o seu poder real estava indissolúvelmente ligado à sua responsabilidade de ser útil à Nação portuguesa. A primeira destas palavras diz-nos que a decisão de D. Pedro IV serviu para dar alento aos que queriam constituir na província antiga uma Pátria nova. A segunda palavra diz-nos que D. Afonso IV aprendeu terem todos os privilégios seus deveres inerentes. Uma pequena palavra quanto nos diz!

Foi num sonho que a palavra "ajuda-nos" foi dita a S. Paulo. Que são sonhos? Sabeis? Pensemos um pouco. Em geral os sonhos são projecções desordenadas e até disparatadas do que se pensou ou se sentiu quando acordados. Mas Deus usou os sonhos algumas vezes para se revelar, quando a revelação não estava completa ainda. Deus pode usar o sonho, como aqueles que deram tão grande fama a José do Egipto e a Daniel da Caldea. A Salomão, hesitante diante da realza que seu pai lhe entregava, diz Deus em sonhos: "Pede-me o que quiseres", e assim lhe dá a excelente oportunidade de pedir sabedoria. A José o Carpinteiro, perplexo quando a noiva querida dava sinais de ir ser mãe, Deus em sonho lhe diz: "Não temas receber Maria". E assim como usa sonhos ou os usou, Deus pode usar um simples galo para acordar Pedro do seu torpor espiritual e até "uma voz de silêncio" para consolar Elias na sua desolação.

Foi um homem macedónio que apareceu no sonho de S. Paulo, fazendo uma súplica. Quantas vezes o Apóstolo teria pensado naquela região confinante com essa Ásia Menor, onde até af havia labutado mais: aquela região donde viera o pai de Alexandre Magno para conquistar a Grécia e, por meio dela, preparar para o filho a conquista do mundo, de todo o Mundo Antigo! Paulo pensaria numa outra conquista gloriosa, só obtida nas almas, uma a uma, que seria de valor eterno, e não como o império fugaz de Alexandre-

Se ainda hoje os macedónios, passados dezanove séculos, não primam por uma perfeita civilização, que seriam eles naquele tempo? Mais de cinquenta gerações, ali como aqui, viram a luz do dia, e em tantas lutas e dores, e tantos sonhos e desilusões, e com tantas invenções e provas, os homens não conseguiram método perfeito para as suas relações sociais, e tantos, tantos deles não aceitaram a Luz Divina que lhes é oferecida em Jesus Cristo! Aquele homem desconhecido, aparecido no sonho, é o representante do paganismo, saudoso de Deus e multiplicador de deuses, o representante de muitas nações e povos que se sentem despenhar pelo declive dum terrível abismo e gritam: "Ajuda-nos!"

E S. Paulo, apóstolo e doutor das gentes, o mais compreensivo dos homens que Deus criou, que tudo se fazia para ganhar a todos, e que preferia sofrer afrontas e intrigas desde que no mundo todo se fosse pregando a Cristo, S. Paulo ouviu o grito, compreendeu a súplica, aceitou-a como um convite das almas e como o mandato de Deus. Partiu, pois, de Troas, desembarcou em Neapoles, que hoje se chama Cavala, cidade grega cercada de ruínas, recordando esses antigos tempos, e entrou em Filipos. Esta cidade é que hoje já não existe. Vêm-se ainda algumas ruínas e a certa distância há uma aldeia chamada Berequételi. O que foi a entrada do Apóstolo em Filipos e a sua primeira actividade ali, em contacto com Lídia, com a pitoniza e com o carcereiro, são histórias dum beleza inigualada nas narrativas profanas e que têm feito as delícias de milhões de almas crentes, nestes mil e novecentos anos.

Uma pobre rapariga possessa dum espírito de adivinhação, coisa proibida por Deus desde a mais remota antiguidade, era explorada por seus empresários sem escrúpulos. Uma honesta mulher, comerciante de púrpura, orava ansiosamente na antevisão de uma desejada vida infinitamente mais alta, onde se exercessem os tesouros da sua generosidade. Um carcereiro endurecido na vida bruta do cárcere, entre criminosos de toda a espécie, tinha lá no fundo do seu ser uma possibilidade de compreender e de aceitar, como depois se verificou, e como nas mais tenebrosas camadas da terra existem adormecidos combustíveis do maior poder de iluminação e de movimento; como afinal na alma humana, por mais baixo que tenha descido, há sempre uma esperança de renascimento.

E essas tres almas ficaram representando milhões de europeus que precisam da ajuda do Evangelho do Salvador, como todos nós temos precisado.

"Ajudai-nos", dizem milhões de crianças europeias desprezadas, maltratadas, perseguidas ou esquecidas por uma sociedade profundamente egoista.

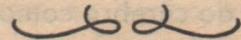
"Ajudai-nos", dizem milhões de anciãos europeus, enfraquecidos na luta pela vida, trabalhadores que já não podem com a enxada ou a enxada ou o malho, e nada têm para o corpo, nem para a alma, que uma sociedade profundamente egoista lhes conceda.

"Ajudai-nos", dizem milhões de mulheres europeias ainda em servidão no lar, dependentes de maridos tiranos que velhas leis protegem ou incitam; e milhões de "escravas brancas" que são mantidas na mais ignominiosa e repugnante vida, pelos mais ignominiosos e repugnantes seres.

"Ajudai-nos", dizem milhões de almas caídas em pecado, que se querem levantar e buscam a Mão Divina; que querem saber a Verdade e buscam a Mensagem Celeste.

"Ajudai-nos, ajudai-nos!" clamam os imundos, os leprosos, os paralíticos, o triste refugo, o nauseabundo lixo dum civilização errada em muitos sentidos, que só Cristo, em Seu Sublime amor, pela Sua suprema expiação, pode restaurar.

Vamos todos, na medida das nossas forças, guiados por Deus, na medida do nosso conhecimento, controlado pelo Divino Espírito, ajudar nossos irmãos que perecem.



## CONCURSO

DE "ECCLESIA"

A doença do nosso querido Administrador, assim como a do Director, impede-nos de publicar neste número o plano do concurso anunciado no n.º 11. Esperamos poder fazê-lo muito brevemente.

# Os nossos Poetas

RAUL GONÇALVES

ENQUANTO não tivermos poetas, não poderemos verdadeiramente apresentar-nos como representantes genuínos do espírito lusitana, ou de algumas das suas facetas. Mas não pense o leitor que restrinjo o dom representativo da Alma Lusitana. Um compositor, um architecto, um prosador, um animador, um místico, um escultor ou pintor, se têm fogo e vida, se há neles sopro e chama — são Poetas também.

A Igreja necessita, requiere Poetas.

Raul Gonçalves é talvez o mais puro representante da poesia evangélica portuguesa dos começos deste século. Tivemos, é certo, bastantes cultores do verso; mas sente-se em geral neles, naqueles em que vale a pena falar, a intenção de testemunhar duma forma **fácil** (supõe-se em geral o verso género fácil, quando ele é mais que fácil, é natural, para quem tem o **fogo sagrado**, mas inteiramente impossível para quem o não tem). Com outros dos nossos versejadores sente-se que houve uma intenção mnemónica de alinhar conceitos para fixar verdades; para outros ainda o alvo terá sido utilizar uma ária para louvar o Eterno, e assim meter dentro dela a **sua prosa**.

Prosa rimada ao som da música, eis o que foram muitos dos nossos dois ou tres mil hinos, não todos; não de todos.

Ora Raul Gonçalves é uma excepção nobre e evidente. Nele sente-se a poesia em cada frase, que lhe borbulha do cérebro como nascente límpida e cantante e singela, nas veigas da sua província natal.

O lirismo é essencialmente subjectivo, sabemos-lo todos. O poeta lírico olha para si com uma naturalidade e humildade, ia a dizer, perfeitas.

Vede-o nestas estrofes publicadas em 15 de Agosto de 1932, escritas por Raul Gonçalves em Azagães, um mês antes, com o pseudónimo "Dora":

Tu és puro, eu imperfeito;

Tu és santo, eu pecador.

É triste, fatal herança!

Tenho por única esperança

Teu amor.

Tu fazes bem o que fazes;  
Quanto tento eu faço mal.  
Que desgraçado eu seria  
Se não fora a Tua guia  
Paternal!

.....

Dôcemente, calmamente,  
Teu amor me satisfaz.  
Como a chuva no deserto  
Desce ao coração liberto  
Tua paz!

Aqueles que estão habituados a passar por alto as linhas incompletas que se põem por efeito ao centro dos nossos boletins, leiam "doce-mente, calmamente" estas quintilhas, e receberão o refrigerio que delas emana. Porque são poesia verdadeira.

Mas o subjectivismo lírico do cristão genuíno é diferente do outro, de qualquer outro. O Poeta cristão olha para si, e vê Deus espelhado nas pupilas da sua própria alma. Vede-o nestes seus versos inéditos, que devo à amabilidade de seu filho Timóteo Gonçalves; não sei de que data são e nota-se que estão por rever pelo Autor, em alguma das quadras:

## DOR E LOUVOR

Fui encontrar a cinza onde eu buscava a chama,  
Deparou-se-me o espinho ao procurar a flor!  
Sobre a minh'alma um fel de angústia se derrama,  
Mas grata a boca diz: Pois seja assim, Senhor!

Graças pelo desdem, o abandono e as ofensas,  
Que submergem minh'alma em ondas de aflição,  
Pela agonía atroz, por angústias intensas  
Que me fazem soltar suspiros de aflição.

Pois todo o apoio humano é qual cana fendida  
Que cedo ou tarde quebra e nos lacera a mão,  
A nossa alma deixando erma, desiludida,  
Té prostrar-se a Teus pés, sob tua santa mão.

Ai de mim! Tanta dor, té que alfim eu soubesse  
Que um bem trazem consigo a luta, a sede, a dor.  
A pena que me esmaga incita minha prece.  
Bendita mão que fere! A Ti louvo, Senhor!

E duma elegia datada de 1892, igualmente encontrada inédita entre os seus papeis:

Quando vier, condoida,  
A morte roubar-me a vida,  
Não chores, não tenhas pena,  
Não chores nada por mim...

.....  
Doutra, do ano seguinte:

Sofrer, lutar, eis a vida.  
O repouso é a morte, o fim;  
Mas quanta ilusão perdida  
Té que a morte venha alfim!

.....  
Puro romantismo, já um pouco serôdio, no cultivo da melancolia, como estas quadras de 1894:

É triste o findar do dia  
Quando além desmaia o Sol  
E na doce melodia  
Já se ensaia o rouxinol.

É triste a face da lua  
Quando lá no céu reluz  
E além, no espaço, flutua  
Sem que um veu lhe tolde a luz.

É triste a queixa que solta  
A folha ao rolar no chão  
Quando impelida e revolta,  
Ao soprar do furacão.

Está então nos seus dezanove anos; e custa a crer na profundidade dessa tristeza. São influências mentais, porventura, que a provocam. Mas João de Deus parece desde então orienta-lo para outros voos. Ou antes, é o amor pela Bíblia que orientou o mestre, a influenciar também o discípulo. Porque Raul Gonçalves é nessa altura já um cristão reformado.

A 7 de Julho de 1893 enviara a seguinte carta ao Rev. André Cassels, ministro da Igreja Lusitana do Bom Pastor, no Candal:

Ex.<sup>mo</sup> Senhor: No último domingo, quando V. Ex.<sup>a</sup> narrava a conversão de S. Paulo, disse que esta passagem da vida dos Apóstolos se lhe deparava sempre que na Bíblia procurava outro assunto para a sua prática e que se lhe afigurava ser este acontecimento como que um aviso de Deus de que em breve se iriam converter ao Evangelho algumas pessoas que até então zombavam dele.

Deus não podia mentir nem V. Ex.<sup>a</sup> se enganou. De facto, pelo menos sou eu uma das pessoas convertidas.

Entrei um dia nessa capela levado por motivos estranhos à religião: cantava-se nessa ocasião um hino cuja suave melodia fez penetrar em minha alma um sentimento de devoção que me fez pensar em Deus como que sem querer.

Escutei. Ouvei então pregar a palavra de Deus, ouvi falar da Bíblia e do infinito amor de Cristo.

Retirei-me pensando comigo: que religião será esta em que assim se fala tão claramente aos homens e em que se prega doutrina tão sublime?

De aí em diante continuei a assistir regularmente às orações e propus-me indagar, isto é, chegar ao conhecimento dos princípios dessa religião. Resolvi ler a Bíblia, e li-a com toda a atenção que desperta tal livro na pessoa para a qual ele é quase completamente desconhecido. E, ao passo que ia lendo, admirava-me da sublimidade dessa doutrina e pasmava de ver quase completamente desconhecido um tal livro num país que se diz cristão.

Ó bela e sublime doutrina de Cristo, como tu és deturpada por aqueles mesmos que deviam de ti dar maior exemplo! Como tu és ignorada e desprezada por um povo que se diz crente!

Tal foi o que exclamei ao ler esse belíssimo livro; tal foi a transformação que essa leitura operou em mim, que eu disse: Creio, sim, creio porque é impossível que não seja verdade o que esse livro diz, porque é impossível que não fossem inspiradas por Deus essas palavras.

É por isso que eu venho hoje dar-vos um testemunho da minha fé, e unir as minhas às vossas orações, ó pregadores do Evangelho, para que a vossa obra, que é a obra de Jesus, prosiga contra todos os obstáculos; e permita Deus, se tal for da Sua vontade, que eu me associe a ela com todo o ardor da minha alma.

(Transcrita de "O Evangelista" de 1 de Out.<sup>o</sup> de 1893, só alterando a ortografia).

Amadurecia o engenho e enriquecia-se o estilo, com a experiência da fé, daquela fé tão nobremente confessada, ainda em expressões ingenuas e com uma cândida sinceridade.

Considerai-o nestes versos, datados de 11 de Abril de 1894:

"Ninguém há semelhante a ti, Senhor:  
Grande és Tu e grande é o Teu nome  
em fortaleza".

Jeremias X. 6

Honras, vaidades e opulência e fama,  
Que sois vós e o que são vossos trofeus?  
Nada sois vós; poeira é quem vos ama:  
Grande é só Deus!

E tu, ciência humana, audaz, incrível,  
Que ostentas orgulhosa os feitos teus.  
Ah! Vence, se tu podes, o impossível...  
Grande é só Deus!

E vós, ó reis da terra, ó potentados,  
Tão grandes vos julgais e sois pigmeus.  
Curvai as vossas frentes, humilhados:  
Grande é só Deus!

E vós, ó pequeninos e oprimidos  
Sob o jugo dos maus, ímpios e ateus,  
Exultai, proclamai, cantai unidos:  
Grande é só Deus!

A sua mente empapa-se na Bíblia, a sua  
alma impregna-se da Bíblia. E aos 24 anos, em  
1899, dá-nos esta glosa do Salmo 90:1

A minha alma descansa sossegada  
Em Teu seio, Jesus,  
Assim como a criança adormecida  
Em os braços da mãe, doce guarida  
De amor, de paz e luz.

Esta bendita paz, este conchego  
Que sinto junto a Ti  
É semelhante à doce calmaria  
Que vem depois da rija ventania,  
Quando o céu já sorri.

Sob a sombra eficaz das asas Tuas  
Eu me quero abrigar,  
Assim como a avezinha entre a folhagem  
Se abriga, e busca asilo na ramagem  
Do roble secular.

Seguem as quintilhas no mesmo diapasão,  
datadas de 5 de Novembro, e logo continuadas  
no dia seguinte:

Oh! deixa-me, Senhor, viver na terra  
Enlevado, a sonhar...  
Sonhos de glória e paz, além da esfera  
Onde o homem vive, onde o pecado impera  
Em triste labutar.

Quero sonhar com astros, com auroras  
De uma celeste luz;  
Com crianças, com flores, com verduras,  
Com corações leais, com almas puras  
E sempre com Jesus!

E depois, quando alfim soar a hora  
Em que me há-de chamar,  
Quero acordar aos cantos de vitória  
Que os remidos no céu, em Tua glória  
Entoam sem cessar.

Então, cingindo as alvas vestiduras  
Para no côro entrar,  
Os Teus louvores em cânticos divinos,  
Em gratos, puros, amorosos hinos,  
Hei de cantar... cantar...

Difícil, contudo, é negar a influência de João  
de Deus, por exemplo nestes versos, de Novembro  
de 1900:

### BOA NOITE!

Ceu e ar, terra e mar  
Cobre a noite com seu veu:  
Tudo fica silencioso...  
Quando jaz tudo em repouso  
Vela Deus por nós no céu.  
Boa noite!  
Vela Deus por nós no céu.

A tremer, nosso ser  
Busca, em oração, a Deus;  
Tudo em trevas lá por fora!  
Tantos sem descanso agora...  
Vela Deus por nós no céu.  
Boa noite!  
Vela Deus por nós no céu.

Fé em Deus, filhos seus,  
É na fé que Deus se apraz;  
Breve a aurora lucilante  
Brilhará para nós radiante  
Na mansão da eterna paz!  
Boa noite!  
Vela Deus por nós no céu.

Na pequena colecção hinológica de Portugal  
e do Brasil (pequena comparada com a hinologia  
estrangeira) onde avultam os nomes de Tomaz  
Pope, Santos Ferreira, Maxwell Wright, José Nunes  
Chaves, Ricardo Holden, Augusto Caldeira, Alfre-  
do da Silva, José Freire, Otoniel Mota, recente-

mente falecido, tem Raul Gonçalves algumas joias que perdurarão: "Quando a tempestade ruge...", e "Luz após trevas", este imitado, não traduzido, de Frances Havergal.

Talvez a composição de maior éxito, não falando nos hinos que são sempre cantados, seja a que se intitula "Louvor":

Feliz quem sabe orar! Feliz quem se aproxima  
Do Teu celeste trono a fim de Te louvar!

.....

Não a reproduzo, somente a recordo. E desejo notar ainda como aí, e nas outras todas, não há nada de frases rebuscadas, de rimas ricas e difíceis. É tudo como a linguagem do povo, como a água corrente, como tudo, enfim, que é singelo e natural.

Quem o conheceu e amou sabe como ele era um entusiasta observador, um comentador humorista, uma alma generosa, um coração compreensivo, um amigo, um cristão, um poeta...

Um poeta que há muitos anos escrevera num pedacito de papel esta oração que é um retrato:

"Permite-nos que na hora da suprema agonia o Teu nome seja uma palavra de consoladora paz".

## O VALOR DA LÓGICA

### OU LIÇÕES DE RACIOCÍNIO

AQUI está uma coisa muito necessária para quem, como cristão, quere dar testemunho oral da sua fé: **raciocinar**.

Não é assim tão fácil, o raciocinar, segundo parece... E assim parece, digo, pelos erros de raciocínio em que tantos de nós caímos constantemente.

Vamos dar alguns exemplos comprovativos desta singela asserção.

Aí por alturas de Castilho, Garrett e Herculano (seguimos aqui a ordem cronológica, somente, nesta enumeração); nos

tempos áureos da língua, era costume, quando se fazia uma afirmação baseada em provas de transparente evidência, acrescentar familiarmente, quando a conversa era entre amigos: "... **ou** a lógica é uma batata!" Sem querer, decerto, desmerecer do valor nutritivo dos tubérculos de Parmentier, mas dado que eles eram nesse tempo de fácil aquisição económica, queria-se significar com essa frase um tanto irónica que a lógica **não** era uma coisa somenos, como se demonstrara no argumento trabalhoso que antecederia a ironia. É isto o que significa a disjuntiva "ou".

Pois sucedeu e sucede que em muitas mentes a frase se projectou (como se diz em psicologia) em dois conceitos simples, com desprezo do juízo, ou conceito complexo, de que esses conceitos simples faziam parte: "lógica" e "batata"; e assim se formou a frase burlesca e injusta: "a lógica é uma batata".

Ora a lógica existe. É um dos grandes valores da vida, quer se aplique a um simples tubérculo, quer aos universos todos; é uma emanção do Logos; um esforço de harmonização da expressão com o facto. Quem quizer negar a lógica tem de buscar argumentos de aparente lógica, caíndo assim em contradição.

Adiante. Outro exemplo: Alguém um dia aludiu a Camilo, dizendo graciosamente que o Mestre da elocução portuguesa era "picado do génio e... das bexigas". Todos aí verão, se pensarem um pouco, que se juntou um juízo trópico "picado do génio", isto é, genial, com um juízo directo, ou semi-directo, se assim quizerdes: "picado das bexigas". Porque de facto o semblante de Camilo era desfeado pelas marcas da varíola que sofrera. Isto se depreende claramente da copulativa "e". Que sucedeu então? Alguém ouviu um dia a frase, não

entendeu ou fingiu não entender, e pôs em circulação um dichote alusivo a pessoas de mau génio (**geniosas** como diz o povo): "tem o génio picado das bexigas". E aí, nesta nova frase, não existe sombra de raciocínio, nem chiste com migalha de sentido. É só um disparate risonho.

Se formos para matéria bíblica, nela encontraremos factos de hermenêutica popular, ou de exegese mais ou menos tendenciosa, que vale a pena rever e refazer também. Por exemplo: gentes há, e não são poucas, que pretendem justificar toda a qualidade de actos, bons ou maus, com a máxima de Jesus Cristo: "não só do pão vive o homem...". E param aqui, por prudência ou por ignorância do resto. Ora é nosso dever repor as coisas no seu justo lugar, e completar a resposta que o Senhor deu ao tentador: "mas de toda a palavra que sai da boca de Deus". É positivamente diabólico utilizar metade dessa máxima para justificar toda a sorte de diabruras que não são o pão do corpo, mas também não o são do espírito. Tão diabólico como o foi a proposta a que Jesus opôs o Seu divino conceito.

Agora, outra traição vulgaríssima ao texto do Evangelho, esta então fruto da zombaria dos chamados "espíritos fortes". Quando se quer mostrar uma falsa compaixão pelos crentes, em especial pelos mais entusiastas ou mais piedosos, utiliza-se estouta frase do Divino Mestre, acompanhada de trejeitos zombeteiros: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus!"

Ainda aqui se manifesta, ou ignorância ou malevolência, e estamos em crer que muitas vezes as duas.

Quando Jesus Cristo proclamou a suprema felicidade, ou bem-aventurança dos "pobres de espírito" ainda não existia

o eufemismo francês "pauvres d'esprit", no sentido de mentecapto ou de nimiamente obtuso; nem mesmo existia a língua francesa; nem a França ao menos existia. Falou Cristo em aramaico, no sentido directo da frase, que foi vertida no grego e significa, portanto, os "pobres espirituais", ou as almas que não buscam riquezas mundanas e que, se as possuem, considerando-se dispenseiros de Deus, se mantêm isentos da gafeira da ambição ou da soberba da posse. **Esprit**, no sentido de agudeza intelectual, é um galicismo recente.

Santo Agostinho ou Santo Ambrósio, S. Francisco de Assis ou Savonarola, Gerson ou Kempis, Milton ou Klopstock assim como Lewis ou Papini, nos nossos dias, não são obtusos, meus senhores críticos.

Outra alusão tão discutida ou citada como as que já aí ficam, é o "fundo da agulha" dum parábola de Jesus. Esta, não são os de fora, são os de dentro que, em meu juízo, não têm compreendido em toda a sua força o significado que comporta. Pensou-se talvez que seria intolerância condenar à predição todos os ricos, se se tomasse à letra a expressão: "Coisa mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino dos Ceus." E procurou-se explicação que a abrandasse, que lhe diminuísse a agressividade... Mas não teria sido apressada uma tal solução?

Vejamos: quando os discípulos ouviram isto, disseram uns para os outros: "Quem pode, logo, alguém salvar-se"? (Mateus 19:25). Não há, pois, o direito de procurar uma solução atenuadora, mesmo que ela nos encante, e temos de aceitar a verdade cristã, que um **rico** não pode salvar-se de nenhum modo. O supor-se que o "fundo da agulha" é o portículo praticado no largo portão da cidade murada, que se fecha ao anoitecer, só se abrindo

então aquele, por excepção; que com muita dificuldade, descarregando o camelo e forçando-o a ajoelhar, se poderia admitir que um animal dessa corpulência poderia passar, enfraquece a afirmação de Jesus, tornando **difícil** o que era **impossível**. Desta alegoria, assim posta, se deduziria que o rico, como o camelo, descarregando o fardo da riqueza e humilhando-se, penetraria no reino dos ceus, isto é, no reino espiritual que o Divino Mestre vinha estabelecer "entre nós". Entendo que se trata duma impossibilidade humana, que é uma possibilidade divina (Marcos 10:27). E para que se não caia na heresia ebionita, vemos também em Marcos 10:24 que nosso Senhor e Mestre mesmo explicou o que eram ricos: "os que confiam nas riquezas". Isto dá a medida da nossa posição. Tenha eu pouco ou muito, se confio nisso que tenho sou "um rico", mas se não confio, mesmo tendo muito, sou um "pobre de espírito". A razão bíblica não se baseia no **quantum** da propriedade, mas no **espírito de propriedade**, na atitude do detentor.

E ainda uma forte machadada na alegoria do "fundo de agulha", que talvez decida algum leitor mais renitente, deu-a, sem esse propósito, um erudito exegeta recentemente, ao verificar no estudo da linguagem médica de S. Lucas, que este evangelista usou, no passo respectivo (18:25) o termo que significa "agulha de cirurgia".

Aqueles que supõem ter-se dado um erro de copista na palavra "camelo", pois com a mudança duma letra teríamos na língua grega o termo equivalente a "calabre", não trazem qualquer elemento de vantagem para o problema hermenêutico, pois tão impossível é enfiar um calabre numa agulha vulgar como fazer passar pelo fundo um camelo. O que importa na comparação é a impossibilidade, e não repugna

admitir que Jesus buscasse para o seu simile o animal mais corpulento com que os judeus habitualmente lidavam e o orifício mais pequeno da sua ferramentaria vulgar: os extremos escolhidos para a ideia da impossibilidade. Camelo ou calabre, tanto monta.

E por fim, consideremos a célebre frase atribuída a S. Paulo: "Examinai tudo e abraçai o que é bom".

Quanto se tem dito glosando esta sentença, que afinal não se encontra assim na epístola paulina! Vejamos o que verdadeiramente diz S. Paulo na 1.ª aos Tessalonicenses 5:16 a 22; mas vejamo-lo em parelhas ou paralelos de exortações com afinidades particulares, e que parece terem sido assim arrumadas para se fixarem melhor:

"Regozijai-vos sempre e orai sem cessar.

"Em tudo dai graças e não extingais o Espírito.

"Não desprezeis as profecias e examinai todas.

"Retende o bem e abstende-vos de toda a aparência do mal".

A quem coteja o original pelas versões surge com clareza que os tradutores, não concebendo que o "retende o bem" se pudesse referir às profecias, todas evidentemente boas, como de facto se não refere, entenderam que o "examinai todas" se não referia a essas profecias mas a tudo, e juntaram a palavra "coisas" ao texto. De aí vem o conselho antipedagógico de **examinar todas as coisas, ou tudo**, que justificaria, tomado à letra, muitos perigos.

**Examinar**, inclui ver, tocar, escutar, espreitar, analisar, verificar, provar, seguir, assistir, frequentar, espionar; e nem tu, leitor, nem eu que te escrevo, temos o direito de levar o exame voluntário e propositado até os pontos extremos. De certas matérias, o pudor, a discreção, a

fidelidade, o respeito próprio e o de outrem, a repugnância, a compaixão, a caridade, nos afastará irrevogavelmente. E descansai, que não condenaremos S. Paulo, não examinando **tudo**.

O "Livre-Exame" da Reforma Religiosa não é o livre exame de tudo, como alguns pensam sem razão nem conhecimento da história, mas o "livre-exame das Escrituras Sagradas": Lede-o nos repositórios seguros e documentados dessa grande era e vereis que assim é. E ainda esse livre exame das Escrituras foi acompanhado da criação consciente e activa da instrução popular, em bases sólidas e vastas, desenvolvimento do modesto mas respeitável plano dos frades jerónimos da Holanda e da Alemanha do Norte. Pois sem instrução adequada, o livre-exame das Escrituras se não for pernicioso é pelo menos estéril (Actos 8:31).

Estou a ver algum amigo leitor espantado com esta minha afirmação, que talvez julgue reaccionária... Pois ofereça uma Bíblia a alguém que não sabe ler, para ver que proveito ele tira da oferta: logo, precisa de saber ler. E eu lhe digo que outros que leem precisam de perceber o que leem.

## NA SEARA

Dr. John A. Mackay

O grande sucesso deste período de férias foi, sem dúvida, a visita a Portugal, de 31 de Agosto a 5 de Setembro, a caminho de outros países que visitou também, do ilustre catedrático de Princeton sr. Dr. John Alexander Mackay, pensador e escritor eminente, antigo missionário, presidente do Concílio Internacional de Missões e do Seminário Teológico de Princeton, e ainda do conselho editorial da notável revista "Theology Today", formado em teologia e letras por várias Universidades da Escócia, Estados- Unidos, Canadá e Peru.

Além das entrevistas que concedeu à Imprensa e do encontro com muitos elementos da obra cristã de várias confissões, no Seminário Presbiteriano de Carcavelos, o nosso ilustre visitante, no sábado 1 de Setembro, apresentou no templo da Igreja Lusitana de S. Paulo, que estava repleto, uma mensagem que a todos os assistentes deixou edificados pela genuinidade de princípios evangélicos e pela largueza de ânimo com que se exprimiu. Em 3, no "Estrella Hall", fez uma conferência dedicada aos intelectuais e estudiosos, sobre "Protestantismo e Cultura Latina", que foi muito apreciada, tanto pela profundidade dos conceitos e novidade das informações, como pela forma elegante e espontaneidade de expressão.

Deus nos conceda outras visitas deste Seu consagrado servo e de outros seus pares; visitas que como esta nos animem e robusteçam na fé.

## O LIVRO E OS LIVROS

Ao favor de amigos devemos a oferta particular da "História da Igreja Episcopal Brasileira", livro de 200 páginas in 8.º grande,

editado em 1949 no Rio de Janeiro, da autoria do Rev. George Upton Krischke, presbítero respeitável da referida Igreja e operoso escritor, membro da Academia Sul-riograndense de Letras. É um repositório honesto de informações, muito recomendável a quem se interessa por estudos históricos e eclesiológicos, tão necessários para uma boa formação eclesiana.

Esperamos em breve ocupar-nos da obra admirável de bibliografia da Senhora Dra. Luiza Maria de Castro Azevedo; e das revistas cristãs brasileiras, que temos recebido por permuta gentil, ou lemos pelo favor de amigos.

Por agora cumpre-nos registar o "Manifesto" recebido do Departamento de Educação Religiosa da Diocese do Brasil Sul-Occidental da Igreja Episcopal Brasileira; a pastoral do Revmo. Bispo da mesma Igreja, Dr. Egmont Machado Krischke, datada de 15 de Fevereiro; o Relatório e Contas da Direcção da "Beneficência Evangélica do Porto, exercício de 1950"; "Breve Catecismo da Religião Cristã"; e "O Problema das Carqueijeiras do Porto" op. da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, editado este ano. Esperamos ir fazendo a nossa modesta apreciação, na medida do possível.

# Enderêços do Rev. Clero e dos srs. Pregadores Licenciados da Igreja Lusitana

- Rev. A. Ferreira Fiandor, Presbítero, Presidente do Sínodo.  
Chalet da Bela Vista, Torne, Vila Nova de Gaia.
- Rev. Josué Ferreira de Sousa, Decano dos Presbíteros.  
Rua de Azedo Gneco, 4, 4.º, Lisboa.
- Rev. José Pereira Martins, Presbítero.  
Rua de Almeida Garrett, 18, Setúbal.
- Rev. Augusto Nogueira, Presbítero.  
Rua de Leote do Rego, Devesas, Vila Nova de Gaia.
- Rev. Armando Pereira de Araújo, Presbítero.  
Rua de Camilo Castelo Branco, 17, Vila Nova de Gaia.
- Rev. José Maria Leite Bonaparte, Presbítero.  
Rua do 28 de Maio, Oliveira do Douro, Gaia.
- Rev. Agostinho Ferreira Arbiol, Presbítero, secretário no Norte.  
Rua do Cativo, 6, Porto.
- Rev. Eduardo Henriques Moreira, Presbítero.  
Rua das Janelas Verdes, 32, Lisboa.
- Rev. Dr. Daniel S. de Pina Cabral, Presbítero.  
Rua da Infanta D. Maria, 97, Porto
- Rev. Dr. Luiz César Rodrigues Pereira, Presbítero, secretário no Sul.  
Quinta do Bacalhau, Vila Franca de Xira.
- Rev. Josué Ferreira de Sousa Júnior, Diácono.  
Rua de Feio Terenas, 20, 1.º, Lisboa.
- Rev. Vidai Vieira dos Santos, Diácono.  
Rua de Gomes Freire, 68, 3.º, Porto.
- Rev. Luiz Manuel Crespo, Diácono  
Rua do Duque de Saldanha, 62, Porto.
- Dr. Leopoldo Fernando dos Santos Figueiredo, Pregador licenciado,  
Calçada das Lages, 6, Lisboa
- Harold M. Flower, Pregador licenciado.  
Rua do Rei Ramiro, Vila Nova de Gaia.
- Manuel Baptista Vasco, Pregador licenciado.  
Avenida do Conde de Valmor, 115, r. do c., Esq., Lisboa.
- António Coelho de Almeida, Pregador licenciado.  
Rua do Barão do Côrvo, 818, Vila Nova de Gaia.
- Luiz Filipe Schenck Rosa, Pregador licenciado.  
Bairro de S. Roque da Lameira, 21, Porto.

## ELEMENTOS DESTACADOS NA OBRA MISSIONÁRIA:

- Rev. António Pinto Ribeiro Júnior, Missionário associado da U  
Caixa postal 202, ou Alameda Silva Carvalho, Nova Lisboa, Angola.
- Samuel de Oliveira Coelho, Professor-missionário.  
Caixa postal 11, Bailundo, Vila Teixeira da Silva, Angola

### Ecclesia

Encontra-se à venda na:

**Livraria Aillaud & Lellos**

Rua do Carmo, 82

L I S B O A

**Tabacaria Aliança**

Rua de Santo António, 19

P O R T O

### Ecclesia

Assinatura

Venda

avulso

Império Português 20\$00 6\$00

Países Estrangeiros 26\$00 7\$50

Assinatura anual — 4 números — a  
tratar com a Administração ou com  
qualquer dos Ministros da Igreja  
Lusitana.